

OU

de André Braga & Cláudia Figueiredo com Panaibra Canda

CRL
CENTRAL
ELÉTRICA



Resultado de uma colaboração entre André Braga & Cláudia Figueiredo e o coreógrafo moçambicano Panaibra Canda, *OU* emerge da vontade de criar a partir de uma paisagem concreta: Inhambane, terra de memórias familiares e coloniais, onde o presente se mistura com as reverberações do passado.

Com uma linguagem fortemente transdisciplinar, *OU* entrelaça dança, som, vídeo e palavra num tecido sensorial que convida à escuta e à imaginação. A proposta é um convite a pensar a História pela via da ficção, da fabulação, da presença fantasmagórica como forma de justiça e memória. Aqui, o corpo não apenas dança: ele fala, recorda, resiste, sonha.





"A voz do mar encheu o céu e a terra. Uma voz que está cheia e se quebra, e nunca mais acaba".

No seu contínuo balanço, o mar traz e leva consigo memórias de todos os tempos. Foi o mar que trouxe Vasco da Gama a Inhambane, cidade do sul de Moçambique batizada por ele de 'Terra de Boa Gente'. E foi por mar que foram levadas de Inhambane milhares de pessoas escravizadas, muitas delas perdidas para sempre nas suas águas.

"— O mar é um mundo. No mar há vida. Há montanhas, plantas, vento e peixe. Há vida humana nas profundezas".

Inspirados pela mitologia de Drexciya, que imagina um povo subaquático descendente de escravos africanos que foram deitados ao mar durante a travessia do Atlântico, e pelo testemunho de uma curandeira de Inhambane sobre as suas experiências com os espíritos do mar, *OU* reflete sobre múltiplos encontros. O encontro de dois corpos, com as suas forças, as suas abstrações, as suas histórias, as suas vontades. O encontro entre o mar e a terra, o visível e o invisível, o ancestral e o contemporâneo, o espiritual e o terra-à-terra.



*"A memória enraíza-se no concreto, em espaços, gestos, imagens e objetos".
Interessa-nos pensar a História a partir de outras perspectivas, outras vozes,
outras linguagens e de um pensamento cruzado que sobrepõe passado,
presente, futuro. Interessa-nos prosseguir com a pesquisa sobre o que Paul
Carter chamou de "política do chão": "um novo pisar que não terraplane o terreno,
mas que deixe o chão galgar o corpo, determinar os gestos, os movimentos,
numa nova coreografia social".*

*"Partilhar a Terra ou repará-la é fazer um esforço para escutar, olhar e
ver o real a partir de diversos mundos; é fazer um esforço para ler e
interpretar a História com base numa multiplicidade de arquivos.
Partilhar a Terra significa aprender a nascer em conjunto".
[Achille Mbembe]*





"— O mundo é uma fonte de potencialidades, cuja amplitude não se pode dimensionar. Da vida conhecemos muito pouco."

[Paulina Chiziane]

Ela diz que foi ao mar, depois de 12 anos de preparação junto de uma anciã. Ela diz que no primeiro dia que foi ao mar, entrou por volta das 15 e saiu no dia seguinte às 4 da madrugada. Trazia medicamentos, conchas, plantas para queimar. Agora, explicar o que é que acontece lá no mar não é fácil, porque não é ela. É ela transformada num espírito. Aquele espírito entra, faz todo aquele trabalho, e só depois de ele sair é que ela volta como pessoa. É um mistério, um segredo antigo que não pode ser revelado nunca.

"Dois corpos que a História não afundou deixam-se levar pelo mar.

Em *OU*, um português e um moçambicano, André Braga e Panaibra Canda, encontram-se e espelham-se num lugar de vivos, de mortos e dos fantasmas de uns e outros: o Índico.

OU é sobre contar outra história. O que o mar devolve, o que os búzios sopram, o que testemunha a curandeira que por dias e dias desaparece no Índico, "tocam outros lugares muito mais sensíveis e muito mais interessantes, lugares que nos identificam como humanos."

"Quisemos pensar o mundo para lá dos paradigmas e do senso comum e abrir-nos totalmente a outras formas de imaginação".

Inês Nadas, em *Ípsilon*, 23 de maio de 2025



FICHA ARTÍSTICA

CRIAÇÃO COLETIVA

Direção artística, desenvolvimento do conceito e dramaturgia: André Braga,
Cláudia Figueiredo e Panaibra Canda em colaboração com Gonçalo Mota e João Sarnadas
Interpretação: André Braga e Panaibra Canda
Sonoplastia: João Sarnadas
Vídeo: Gonçalo Mota
Luz: Santiago Rodríguez Tricot
Texto: excertos da conversa com Constança José Beoula
Espaço cénico: André Braga em colaboração com toda a equipa
Figurinos: Sandra Neves
Apoio à construção: Joana Mesquita Alves, Sandra Neves, Pedro Coutinho e Nuno Guedes

Direção de produção: Ana Carvalhosa
Produção: Joana Mesquita Alves (coordenação de projeto) e Cláudia Santos
Coordenação técnica e operação de luz: Felipe Silva
Apoio à administração: João Gravato
Comunicação: Joana Borges
Fotografias: José Caldeira

COPRODUÇÃO

DDD – Festival Dias da Dança; São Luiz Teatro Municipal;
Teatro das Figuras; Teatro Aveirense / CM Aveiro

APOIO E COORDENAÇÃO EM MOÇAMBIQUE: CulturArte Moçambique

AGRADECIMENTOS: Direção Provincial de Cultura e Turismo de Inhambane, Casa Provincial
da Cultura de Inhambane, Centro Cultural Machavenga, Rui Horácio Mbande, Luis Luis
Chauque, Ana Lúcia Cruz, Lizette Chirime, grupo de participantes no workshop de criação em
Inhambane, Ana Barata, Fernanda Araújo, Francisco Babo

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Data de estreia: abril de 2025
Público-alvo: maiores de 12 anos
Local de apresentação: espetáculo para teatros e espaços não convencionais;
blackout obrigatório.
A equipa está disponível para a realização de ações paralelas à apresentação do espetáculo.



A Circolando / CRL - Central Elétrica é uma estrutura subsidiada por
República Portuguesa - Cultura / DGARTES - Direção Geral das Artes

Outros apoios: Município do Porto
e CACE Cultural do Porto

Ana Carvalhosa
Direção de Produção
a.carvalhosa@circolando.com
+351 936 272 636

www.circolando.com